



## Visita dentro da Família

1. Ninguém como PÁTRIA-NOVA pode, no Brasil, rejubilarse tanto com as calorosas e espontâneas expansões festivas com que vem sendo acolhido o Exmo. Sr. General Craveiro Lopes, DD. Chefe do Estado português.

2. Em 1928, época na qual, desviada dos nossos gloriosos caminhos lusitanos de 800 anos, imensa parte da intelectualidade brasileira só tressuava restrições a Portugal e aos portugueses, na ignorância histórica ou nos embustes vergonhosos de uma história falsificada; numa época em que, patrioticamente, se negava o nosso Passado substituindo-o por tradições... estrangeiras, fomos em todos os planos, e especialmente no cultural e político, os campeões da reconquista, os campeões do resgate, os campeões da rectificação da nossa História, campeões da COMUNIDADE LUSIADA bem como do entendimento especial do Mundo Hispânico.

3. Fácil é hoje abraçar tais idéias correntes no pensamento diplomático hodierno. Não no era, porém, há 30 anos. Que o digam os poveiros, que o digam os destemperos antiportugueses da Liga "Nacionalista", as lutas de Paulo Barreto, etc. ...

4. De lá para cá, mudaram muitíssimo as coisas, e, em proporção enorme, enormíssima quiçá, deveu-se isso ao PATRIANOVISMO, embora numerosos arrivistas, presunçosos inúmeros, invejosos ou megalómanos "posudos" o pretendam silenciar ou ignorar.

Basta reler o último artigo do nosso Programa para o reconhecer. Basta rememorar o quanto (após o primeiro contacto com os patrianovistas portugueses) fizemos os dois ramos da Lusitanidade, para se desfazerem tôdas as dúvidas e respeito da nossa asserção.

5. Desconhece-o a geração nova. Cumpre, pois, afirmarmos-lo em uma hora feliz em que se colhem os primeiros frutos opimos de uma campanha idealista e CONSTRUTORA DO FUTURO, na qual não desprezamos de maneira alguma, senão antes ovacionamos os abnegados operários da undécima hora.

x x x

6. Acontece, porém, o havermos recebido de um correspondente português, de Lisboa, o seguinte

### COMENTARIO

Val, ao Brasil, um luso Presidente.  
São dois regimes que se cumprimentam...  
Mal sabem, cá e lá, o que sustentam,  
Em sua vida vaga e aparente!...

## MONARQUIA x REPÚBLICA

### I — Mal dos homens ou do regimen ?

Acabamos de uma vez com esse bobagem, essa analítica, essa crasse igno-  
rância política, de se afirmar que o mal é dos homens e não do regimen. O  
regimen é que não presta, não os homens, como o atabou de demonstrar o  
nosso eminente Chefe Geral Dr. Arlindo Veiga dos Santos, em sua recente  
conferência, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, intitulada "Nove  
anos de república, no Império brasileiro". Mestre emérito de ciência histórica, ilustre



professor da Faculdade de Filosofia de São Bento, na análise que fez do período  
regencial, deu-nos a definitiva lição sobre o assunto. Já no número 11 de  
MONARQUIA, nos havia ensinado: "E qual foi a solução última a que chegaram  
aqueles brasileiros (preferindo-se áqueles homens em termos dos quais girava a  
política brasileira no fim da regência) ao depois de tudo tentarem para resolver  
"dentro do quadro regencial", isto é, electivo, democrático, ryzulicano, o grave  
problema nacional? Recorreram ao Imperador-Mesmo, pois não se tratava de  
questão de homens, visto como grandes homens individualmente eram todos aque-

O povo vai à festa... mas bem sente  
Que presidentes pouco representam...  
Não são nada daquilo que aparentam...  
E, como o povo, são a ignora gente!

Ver Neções em pessoa, só nos Reis.  
Outros chefes quaisquer — meros farnets...  
Ou leve apertivo... dado à toel

O nosso Portugal, herói, gentil,  
Só poderá abraçar o irmão Brasil.  
Se o REI DE PORTUGAL for em Pessoa!

7. Como patrianovistas, compreendemos perfeitamente o estado psicológico do missivista poeta, cujo nome não estamos autorizados a divulgar. Grato nos é, todavia, completar a peça benvinda com outra da nossa lavra, preparando de certa maneira os próximos acontecimentos que hão-de mudar a face destas nossas Terras de Santa Maria. Eis-las:

### COMENTANDO O COMENTARIO

Quando o REI PORTUGUÊS vier em Pessoa,  
será aleluia em toda a Cristandade.  
Aquele Cruz das velas de Lisboa  
Junta-se as duas Pátrias de Saudade.

Nêle vivá a Nação da média Idade  
saudar a Filha na Imperial Peste  
do Novo Pedro cuja Majestade  
e dos Borgonhas com direito ecoe.

Na espera, vou saudar Craveiro Lopes  
— símbolo actual dos marciais ciclopes  
que El-Rei mandou desde o Brasil e Goa.

E-lo arauto do Rei. Seja benvindo!  
Mas o Brasil aguarde o dia lindo  
Em que o REI PORTUGUÊS VENHA EM PESSOA.

x x x

8. Alheios, pois, nesta hora de transição, a tudo quanto nos pudesse dividir empanando o fulgor da recepção fraterna oferecida pela Alma Brasileira à Alma Portuguesa (ambas Lusitadas), solidarizamo-nos cordialmente com tôdas as homenagens prestadas a S. Excia., o Sr. Presidente General Craveiro Lopes.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS  
Chefe Geral Patrianovista

## "POR UMA PÁTRIA NOVA"

Sob esse sugestivo lema publicou a Chefia Regional Patrianovista do Sul, titular sr. Euclides Bordignon, o seu boletim n.º 1, que constituiu grande sucesso local e nacional.

E' d'ile que extrairnos a seguinte nota:

### O QUE SEREMOS

A Ação Imperial Patrianovista Brasileira, fundada em 3.5.1926, entediada com regime legal no 2.º Ofício de Registro de Títulos e Documentos (S. Paulo), (Diário Oficial do Estado de S. Paulo, 23.10.1935), com jurisdição em todo o território nacional, é um movimento para firmar nos associados a consciência verdadeiramente nacional de Raça e Pátria Brasileira e para promover, pelos processos legais, a instauração do Império Orgânico Brasileiro, sob o reinado da Casa de Bragança, representada pelo herdeiro e pretendente ao Trono Brasileiro, D. Pedro Henrique de Orleans e Bragança.

Não queremos restaurar o império liberal do século passado. Queremos, sim, instaurar um Império Orgânico, de base municipal-corporativa. O poder será exercido realmente pelo Imperador que escolherá seus ministros — não um rei de opereta, como na Inglaterra. A Nação organizada, será representada, no Congresso Nacional, por suas classes vivas. Queremos o Brasil-Unidade e não "soma de unidades federativas". Divisão administrativa em Províncias.

O programa é vasto e realista, feito à base de estudos criteriosos. Não o fomos buscar nos EE.UU., Rússia, França, Itália, Inglaterra ou Alemanha, mas em nosso Passado glorioso e em nossa realidade Presente. Acha-se exposto o programa na obra já citada, "Orgânica Patrianovista". Queremos transformar o Brasil, com o seu decidido opôdo, num grande Império respeitado, rico, próspero e feliz. Nossas riquezas e nosso povo só necessitam um bom governo, um governo permanente, responsável pessoalmente, independente, contínuo, casto e honesto, e o terá em D. Pedro III e seus Sucessores.

Isto é o que andamos "tramando", prezado patriota. Queremos construir um grande Império porque, como você, andamos fritos de tanta vergonha, deboches, aventuras à custa do nosso suor. Fatos de sermos ludibriados há 68 anos, sempre com as mesmas promessas de "dias melhores". Não cremos mais nos políticos e em seus perfídios. Cremos no Brasil e nos bons brasileiros. Por isso lutamos, não pregando subversão da ordem pública, mas esclarecimento e reivindicação para a Nação, um governo à altura de seu destino histórico. Chega de sermos cautelários das grandes potências. Não aceitamos essa situação por que o Brasil já esteve à frente delas e deverá ir para a vanguarda, novamente.

Necessitamos de seu apoio nessa campanha. Nesses números trinta dias a dia, hora a hora, pois o povo não suporta mais "ficio" que aí está. Nessas eleições de polvos cargos — as eleições — não são os mais capazes que os arrebatam; a experiência de 68 anos nos mostra que (salvo raríssimas exceções), nessas competições, os demagogos e oportunistas levam a melhor, com prejuízos da Nação. Sempre foi e sempre será assim enquanto houver república no Brasil.

Estamos num período de transição na vida nacional. Só os reços não veem. Os inimigos da pátria não dormem — e os patriotas dividem-se em dezenas de partidos. Urge uma união nacional e esta só é possível em torno de D. Pedro Henrique de Bragança, digno herdeiro de seus nobres antepassados que construíram a grandeza desta terra, grandeza que está sendo sepultada pela inércia e desmandos dos políticos republicanos.

Não somos visionários nem sonhadores. Trabalhamos em bases sólidas e com um objetivo bem definido. Fale com entusiasmo na Monarquia e verá que são pequisatimos os que rejeitam a idéia. Por que? Porque o Brasil é, por natureza, um Império!

E' preciso reagir! Sacuda seu comodismo e batalhe conosco nesta grande cruzada pela redenção do Brasil.

Acaba de aparecer

## POLÍTICA E TEORIA DO ESTADO

de J. P. Galvão de Sousa

Edição Saravia. Em todas as livrarias.

### JOSEFINA DA VEIGA CABRAL DOS SANTOS

Arlindo Veiga dos Santos e irmãos agradecem a todos os amigos e correligionários as condolências e toda simpatia demonstrada por ocasião do falecimento de sua mãe aos 16 de maio próximo passado

Não é preciso fazer coisas grandes.  
Basta perseverar nas pequenas.

Os atlantes hercúleos procedentes do Estado do Brasil (Vice-Reino), de 2.º Unido de Dom João VI, da Renúncia pedrina e do 1.º Império. Tratava-se REGIMEN, pois os homens eram individualmente insignes e cada um e qual, digno maior de que a CRIANÇA Dom Pedro II. Só não tinham o prestígio e o fôro. Mas isso ERA e E' tudo!

Feram, as regiões, autêntico período de governo republicano, com o, as características atuais desse regimen... "indisciplinas... tanta nos partidos... nos quartéis... excessos de demagogia partidária... golpes estratégicos, demagogos..." (citações de Max Fleury), etc., etc. Bastou, entretanto, e a razão da maioridade, e eleva-se ao poder um menino-REI de 15 anos, para, bor, como por encanto, a hegemonia republicana, que ameaçava de "destruição, nascente Inimiga Brasileira". Daí para diante, foram 50 anos de ordem pública, com seu peso e liberalismo mazorqueiro que fuma, por obra de constitucionais, liberais mazonicos) e de boa administração do país. Dirão os ignorantes, Pedro II foi um homem excepcional. Pobres diabos que não sabem o que do, Pedro II teria sido, na república, tão mau presidente como qualquer um dos que tivemos, para nos DES-governar, em 67 anos de república. Em idéntica vida tivemos, no Império, dois REIS, que o engrandeceram, elevando-o no, (isto das nações civilizadas. ERAMOS em 15 de novembro de 1889, uma grandeza, um país rico e que prosperava: somos, hoje, um país ridículo, subdesenvolvido...

X X X

Meditemos um pouco sobre o assunto. Porque será que no Império (regimen imperial) os homens governavam bem o Brasil e na república (regimen republicano) os mesmos homens, não o souberam governar? Dirão que no Império os homens eram dignos, honrados, tinham caráter e, na república, tivemos a desgraça, ver surgir uma doença nova, sui generis — cuja medicina os republicanos, por tantos os safados que são, desconhecem — a tal de "crise de caráter", que qual dita cuja doença acabou com a honradez, a dignidade, o caráter do homem brasileiro, daí as más governos que temos tido... Mas, caríssimos Amigos, homens que primeiro governaram (e certo será dizer DESGOVERNARAM) a república (mas se esqueceram: regimen republicano), eram homens vindos do Império — dedução lógica — homens de caráter, já que, no Império, essa estranha doença não existia (na tal crise de caráter). Tivemos caráter, portanto, na república histórica. Ou, será que não tinham? Admitida esta negativa, já que procuraram pesimistas governos, ficaram esmagados sob o impacto da dedução — caso, também, mais do que lógico — que a república foi proclamada e continua pela estória dos homens de Império, pelo pior exemplo que — teremos que travar a estória daqueles tempos de homens honrados, dignos e de caráter.

Não foi bem isso o que aconteceu. Nem todos os homens que proclamaram a RE, eram homens fritos de caráter. ALGUNS eram inocentes úteis. Poder, podemos sentir que não foram os homens que perderam o caráter, como, totalmente se diz por aí: foi o Brasil que perdeu o seu regimen natural de viverem, e sua ordem tradicional, para cair na república, regimen mazorqueiro, desonestos e ladões.

X X X

## II — Confronto que arrasa.

### 1.º FINANÇAS IMPERIAIS

E' clássica a afirmação de que a boa política — e esta, não se esqueça — consequência de regimen que a propicia — produz a boa finança. A reciprocidade é mais do que verdadeira e pode ser provada — e o faremos subseqüentemente analisando a história monetária do Brasil.

Se a estudarmos através das estatísticas que nos são fornecidas pelo II Serviço de governo republicano, portanto, (inexistentes), a partir de 1822 até hoje (no caso até 1935) já que essas estatísticas, como boas estatísticas republicanas não poderiam deixar de chegar atrasadas... veremos, através delas, dois fatos que nos provam, com riqueza de detalhes, que o mal que nos afflige é o regimen e não dos homens. Chamo particularmente a atenção das leituras e o facto do que a período que ambos atinam é rigorosamente da mesma extensão: de 67 anos. No período imperial (isto querio é grandiosa finança e, consequência, administrativamente falando, já o quadro que nos mostra o reer da moeda, isto é, o período republicano, é desolador: não todo é de desastre financeiro e, portanto, desordem administrativa.

Assim, na primeira década imperial, de 1822 a 1831 — período conturbado por revoluções, discórdias, intrigas políticas liberais, que provocaram a criação do grande imperador D. Pedro I — houve uma emissão de papel-moeda, ordem de 12% (doze por cento) ao ano, em média.

A partir de 1832 e até 1841, durante o período regencial — o qual, se vimos, se caracterizou por um estado de hegemonia republicano-liberal — apareceram tremendas lutas políticas que produziram o etc adicional de 1834, a revolução ferropilha de 1835, etc., a emissão de papel-moeda grew em torno de 10% média anual, de 10% (dez por cento).

De 1842 e até 1851, com a Imperador no poder — regimen monárquico (de ser do liberalismo) em pleno funcionamento — a boa política começa a governar a nação e, muito embora continuasse a revolução ferropilha — que não por dinheiro deve ter consumido — e estourasse a prouinta-mineira de 1842 (sem de fundo liberal-monárquico) e como consequência a guerra contra Roca e Orléans apesar de tudo isso, as emissões de papel-moeda caem, violentamente, para 7% média anual de 7% (sete por cento).

Pagou a década seguinte as consequências do que aconteceu na anterior: Assim, de 1852 a 1861, eleva-se o meio circulante, em média, de 7% (sete por cento) ao ano.

Já de 1862 a 1871, com a guerra do Paraguai nosendo violentamente o pagamento de despesas da Nação, guerra esta que se estende de 1864 a 1870 eleva-se a percentagem da emissão de papel-moeda ao nível de pouco mais de 13% (treze por cento) ao ano.

De 1872 a 1875 saneia o governo a moeda, recolhendo os excessos emitidos por força da guerra. Só a partir desta data volta a emitir, terminando a década com a média de ordem de 1% (Um por cento) ao ano.

Seguiu o período áureo do Império, que vai de 1882 a 1889, com a abolição da escravatura em 1888. Neste período não se emitiu — tendo, ao contrário, sido recolhido o excesso da moeda que existia em circulação — excepto em 1889, para o ano seguinte se recolher essa emissão e a pequena emissão de 1889 (72) centos de réis) já que, ao final da década, o meio circulante havia sido reduzido na percentagem média anual de 0,06% (seis virgula zero seis por cento, ou seis centésimos por cento).

Em matéria de emissão de papel-moeda, o que vale dizer em matéria de administração pública, a história do Império do Brasil. Foram 67 anos (apesar de 6 anos de seu governo regenerador-republicano) em que as finanças públicas foram excelentemente administradas, graças ao regime bem seguido e qual o Brasil era governado, malgrado os percalços por que passou a nação neste período.

O que aconteceu, depois, na república, em idêntico período de 67 anos, isto é, de 1889 a 1956? É o que veremos, a seguir:

**2.º FINANÇAS REPUBLICANAS**

Logo no primeiro ano, isto é, em 1890, a circulação foi aumentada — graças ao "maravilhoso" regime da DESORDEN e do REGRESSO — de 41% (QUARENTA E UM POR CENTO) em relação ao total de 1889. Quase 50% (cinquenta por cento) e, isto, em um ano APENAS da "albia" e "granítica" administração republicana (não se esqueçamos: regime republicano). O "grande" o "extra-ORDINÁRIO" regime republicano, em um ano apenas, EMITIU MAIS DO QUE O IMPÉRIO NOS ÚLTIMOS VINTE E UM ANOS DE SUA EXISTÊNCIA, isto é, de 1868 a 1889, ou que, em 1890, foram emitidos \$6.719 contos de réis, contra \$6.275 emitidos naquele período imperial (Vide Análise Estatística do Brasil — 1956 — págs. 315-316).

Pensamos em certos leitores que isto se deu, para bem do povo e felicidade geral da nação; para o bem daquele povo que assistiu, no dizer do republicano brasileiro Aristides Lobo, "estrepificado" à proclamação da R.A. Engano, desgraçado engano. Esta avalanche de dinheiro emitido pela república se destinou, COMO AGORA, às grandes fazendas financeiras dos aumentos dos afilhados, daqueles homens cuja doença da falta de carácter lhes destruiu o dito mas que eram e que são os GRANDES ELEITORES dos pedulários que estão por cima a fazer que governem a nação, governando, isto sim, a própria fazenda, o próprio bôbo. Eduardo Prado, em seu livro Factos de Dittadura Militar no Brasil, à página 28 e seguintes nos conta a história da estranha doença que atizou os homens do Brasil: O REGIMIN DE IRRESPONSABILIDADE, o regime republicano. Dizes lá: "O militar que por sua própria deliberação tomou o lugar de chefe do governo manteve e al mesmo um endosso superior ao de todos os presidentes da república do mundo, exceto a da República Francesa. O presidente da República Francesa recebe 240 contos; o sr. Doudeiro, 120 contos; seria preciso fazer a conta do que recebem todos os membros de sua numerosa família, toda ela muito bem empregada e largamente remunerada pela Dittadura". Não é preciso dizer que o mesmo sucedeu com todos os membros do "governo", desde os "dominados" e "magníficos" cidadãos Ministros, até aos "rumpinchinhos" de andáncia categoria que tinham servido, ou que se serviam de "milho" emitido e distribuído a mancheias, para consolidação do regime da "liberdade" que havia sido implantado na véspera... Alguém pediu contas desta ferra financeira dos pedulários republicanos, ou, melhor ainda, alguém foi punido por esse crime de desvalorização da moeda que vinha solidíssima do Império? Ninguém foi punido porque o regime republicano é o regime da desordem e da impunidade. Neste regime ninguém ninguém é punido, excepto o ladrão de galinhas que rouba para comer... E, depois, ainda têm a coragem, ou a ignorância de dizer que o mal é dos homens e não do regime. Por que D. Pedro II não cometa esses crimes? Porque sabia que seria punido, se o fizesse e, assim, os seus auxiliares do governo. O regime honesto por se impunha honestidade aos que o serviam. Estes homens não eram nem piores nem melhores do que os que os seguiram, nos governos republicanos. Tinham simplesmente a consciência de que se roubassem, ou se administrassem mal a fazenda pública, seriam implacavelmente punidos. Na república, todos os homens adoececeram da estranha doença de corrupção e de desonra, porque o regime do governo em que atuam, façam eles o que fizerem, não os punirá, porque é um regime sem fôrça, uma casa de mãe Joana, onde "todos mandam e ninguém obedece..."

Essa tremenda avalanche de dinheiro lançada em circulação em 1890 não foi a única, pois continuaram nos anos subsequentes. Em 1891 foram emitidos mais 10% (CINQUENTA POR CENTO) em relação ao volume de papel-moeda em circulação no ano anterior, inclusive a emissão já lançada em circulação naquele ano. Foram mais 150.724 contos, isto é, valor superior ao que foi emitido pelo Império, nos últimos 25 anos de sua existência, (1834/1889) quando foram emitidos 148.787 contos de réis. Neste período de DOIS ANOS (1889/1891) — apenas, senhores! — emitiu a república mais do que o Império em SESSENTA E SETE ANOS, ou seja 227.443 contos, contra 201.840 contos do regime imperial.

Para ter boas finanças o Império economicava. Administrava honestamente as finanças públicas e, quem dava o máximo exemplo, era o próprio Pedro II que mandava pôr meios soltos em sapatos e remendos nos fundidos de suas botas calças (Vide documentação histórica no arquivo do Museu Imperial). Que exemplo dava a república, através dos seus dirigentes máximos logo ao ser proclamada: oferecendo 5.000 contos ao Imperador destituído que os recusa, recusando-lhes o dinheiro não lhes pertencia e sim ao novo brasileiro que não havia dado ordem para dâ-lo? E, mais tarde, com Quintino Bocayuva indo dar um pedaço do Brasil à Argentina — o território das Missões — em meio a uma ferra de alto calcanhar? Eduardo Prado, à página 125 do livro já citado, nos conta esta história: "...No Rio de Janeiro o ministro democrata mandava fazer grandes abas a bordo do encançado Riachuelo, para acomodar a sua família, os seus senhores, amigos, repartes, que no meio de grande fausto o deviam acompanhar a Buenos Aires, formando-lhe um séquito régio, não pela brilhantismo das peregrinas, mas pelas grandes somas que ao tesouro brasileiro custou esta embaixada..."

Deixamos, porém, estas negres factos e continuamos: Em 1892, emitiu a república mais 18% (dezoito por cento) em relação ao total de 1891, isto é, 11.471 contos.

Em 1893, mais 20% (vinte por cento), ou 107.936 contos.

Em 1894, mais 12% (doze por cento), ou, ainda, 80.498 contos. O resto do decênio se passa com alternativas de aumentos e pequenas diminuições, terminando, porém, com um volume de dinheiro em circulação superior ao de 1894. Neste período — 1890/1899 — a emissão foi da ordem de 250% (duzentos e cinquenta por cento) em seu total, dando uma média anual de 25% (vinte e cinco por cento).

No decênio seguinte, 1890/1909, a média do aumento da moeda em circulação baixou para 1,6% (um virgula e seis décimos por cento) ao ano. Note-se, entretanto, que esta baixa percentagem nada significa em relação às baixas percentagens do Império, já que o volume do dinheiro, sobre o qual eram calculadas, era muito menor. Assim, neste período, esta percentagem de 1,6% corresponde a 11.991 contos por ano, ao passo que, por exemplo, a média de 1,8% (um virgula e oito décimos por cento), do período imperial de 1842/1851, correspondeu a uma emissão anual de 730 contos, ou seja, QUINZE VEZES E MEIA MENOS. Note-se, ainda, que na altura de 1909 — 20 anos após a queda da Monarquia — o dinheiro em circulação no Brasil já attingia o volume de 853.732 contos, isto é, QUATRO VEZES MAIS do que o volume de dinheiro existente em circulação em 15 de novembro de 1889, que era de 211.011 contos de réis.

E, assim, foi a moeda brasileira perdendo o seu valor inflacionando-se, de deprimida em deprimida, até aos dias de hoje. De 1910 a 1919, o aumento médio anual foi de 10,5% (dez virgula cinco décimos por cento), isto é, aumento de 894.659 contos (mais do dobro do que existia em 1909).

De 1920 a 1929, 9,4% (nove virgula quatro décimos por cento) ao ano, ou um total de 1.645.579 contos, ou quase o dobro do que existia em 1919.

De 1930 a 1939, 4,8% (quatro virgula seis décimos por cento) ao ano, ou um total de 1.576.579 contos, pouco menos do que o aumento verificado no decênio anterior.

De 1940 a 1949, nova avalanche de dinheiro já posto em circulação. Média anual de 39% (TRINTA E NOVE POR CENTO), ou um total de 19.074.101 contos de réis. (Note-se que continuamos a falar em contos de réis, para maior facilidade de apreciação e comparação com os valores do Império, sabendo-se que cada conto de réis corresponde a mil cruzeiros de hoje).

No período seguinte — isto é, de 1950 a 1955, o aumento médio anual foi de 31% (TRINTA E UM POR CENTO), ou um total de 45.294.883, ou quase DUAS VEZES o volume de dinheiro em circulação em 1949. (isto em, apenas, seis anos!)

Aqui paramos, já que as estatísticas que estamos consultando, do IBGE, não vão além, embora sabemos que a emissão continuou a subir vertiginosamente tanto que, no ano passado, foram emitidos cerca de 11.500.000 contos de réis.

\*\*\*

Dize-se, para desculpar EM PARTE este descalabro financeiro em que a república nos lançou, que o volume de dinheiro em circulação teria forçosamente

**EM GUARDA CONTRA OS INIMIGOS DO BRASIL**

Em guarda contra os inimigos do Brasil, entre os quais avultam os elementos, grupos e forças constituídos ora por argentários e negociistas, ora por agitadores de várias origens, ora por interesses frustrados, todos, porém, frios, calculistas, desumanos e sem bandeira, representantes de correntes e interesses que se chocam, mas que são indissolúvelmente unidos na tarefa de enfraquecer as Forças Armadas, dividi-las, para isso explorando episódios passageiros e sem profundidade, que procuram transformar em motivo para ódio, lutas e desforços que não têm, nunca tiveram e jamais terão razão de ser. — Revista do Clube Militar.

**LEIA**

**Filosofia Política de Sto. Tomás de Aquino**

de A. VEIGA DOS SANTOS

Pedidos à Caixa Postal 8503 — Preço: Cr\$ 230,00

**PARABENS À U. E. E.**

Estão de parabéns os estudantes universitários de São Paulo, pela promoção da SEMANA DA PETROBRÁS.

Nós, os petrobrásistas, estamos, sempre, atentos a todos os movimentos que digam respeito aos interesses nacionais. Assim, através de observadores especialmente designados pela Chefia Geral, assistimos a todas as conferências visitáveis, inclusive, a modesta, mas magnífica, exposição de trabalhos da Petrobrás, instalada na Praça Ramos de Azevedo. As conferências foram esplendidamente organizadas pelos moços estudantes de São Paulo, tendo os debates sido conduzidos em plano elevado, o que muito valorizou os seus resultados. Apenas destoou desta elevação a intervenção desavergonhadamente demagógica de certo deputado à Assembleia do São Paulo, repetida, entretanto, com atrevimento no próprio plenário, como pelo conferencista, o deputado Dagoberto Sales.

Seria interessante que todas as Unões universitárias do Brasil promovessem SEMANAS idênticas a estas, tão necessárias ao esclarecimento da opinião pública brasileira, dando apoio integral e uma das pouquíssimas causas sérias que se fizeram no Brasil, desde a queda da Monarquia, a Petrobrás.

Estão, portanto, de parabéns a U. E. E., e o seu digníssimo presidente que acaba, inclusive, de dar magnífica lição em carta escrita a certa imprensa de São Paulo, usada e vezada em denegrir o trabalho dos que, intratavelmente, lutam pela grandeza do Brasil.

Avante, mocidade do Brasil!

N. B. — Esta nota escrita para o número anterior sai atrasada... mas precisa sair.

que crescer, pois a população também crescerá de forma agigantada. Digamos que sim, mas acrescentemos que, por capita, a circulação de dinheiro em 15 de novembro de 1889 era da ordem de 15 mil réis (ou seja 15 cruzeiros) no passo que hoje (1955) é de 1.186 (um conto e cento e oitenta e seis mil réis). Isto é, mil, cento e oitenta e seis cruzeiros. (Anuário Estatístico do Brasil, idem). Tinha o Brasil, naquela data, uma população de 13.932.000 habitantes e um volume de dinheiro em circulação de 211.011 contos. Hoje (1955) temos uma população de 38.436.000 habitantes e dinheiro em circulação da ordem de 69.329.910 contos. Para que a nossa moeda atual — levando em conta apenas o volume da população — se igualasse à do Império, deveríamos ter, apenas, 16.669.869 contos. Temos, portanto, QUATRO VÉZES E MEIA mais do que seria lícito, naquela relação

### Concluindo

A prova de que o regime republicano não presta e não os homens é que este regime foi implantado de encomenda para destruir o que de grande o Império tinha feito. Prova disto nos dá José Bonifácio de Sousa Amaral, em seu bellissimo artigo O Drama Monetário do Brasil (in Digesto Econômico, n.º 125, Set./Out.º de 1955 — págs. 83/98), onde escreveu: "Como primeiro Ministro da Fazenda da república Rui Barbosa teve esse exemplo (referia-se à pluralidade emissor — sistema maraquesado, sem tudo mais o foi, dos E.U.A.) e estipulou más condições de garantia para a estabilidade da moeda nacional, parecendo mesmo que o fez propositalmente, a fim de arrastá-la à decadência em que a deixou". E, confirmando a sua dúvida, cita as próprias palavras de "grande" Rui, em discurso que proferiu no Senado da Rá, em 3 de novembro de 1891: "O homem a quem coube a MISSÃO (notem bem: A MISSÃO) de desmontar o plano político das finanças da monarquia, não poderia esperar misericórdia da monarquismo revivéscente".

E, quem era esse homem a quem coube — através de concilhões secretos maçônico-positivistas — a missão de DESMONTAR O PLANO POLÍTICO DAS FINANÇAS DA MONARQUIA? Nada mais, nada menos, como pareceram, que o "grande", que o "imense", o "iluminado", o primeiro Ministro da Fazenda da Rá: Rui Barbosa. E esse plano político das finanças da monarquia, prosseguiu Sousa Amaral: "... Rui Barbosa o destruiu com mão de mestre, anarquizando por muitos e dilatados anos as finanças e o regime monetário nacionais. Embora tivesse administrado apenas 14 meses Rui Barbosa emitiu papel-moeda no ritmo de 50% do valor da circulação encontrada, ritmo muitíssimo mais inflacionário que o de qualquer ano da guerra do Paraguai, que atingiu a 33%, ou da segunda grande guerra mundial, que atingiu a 33%, sobre o valor da moeda circulante na última data de ano precedente". (Todos os grifos das citações que fizemos, são nossos).

Será preciso acrescentar mais, para se convencer a qualquer crítico de que a MONARQUIA é o regime nacional do Brasil, o único capaz de fazer a felicidade de seu povo?

x x x

O plano de desmonte, de destruição, do grande, do imenso IMPÉRIO BRASILEIRO, foi executado. Hoje nada mais temos de que uma miserável nação pobre e sub-desenvolvida. O grande Brasil dos tempos imperiais, está de rastos. O plano de positivismo-maçônico, foi executado. Estamos no fundo da poça, sem possibilidade de descer mais. O que acontecerá, agora?

x x x

Pedro II, em seu túmulo, aguarda, triste, a "JUSTIÇA DE DEUS, na voz da história".

Espere os meus olhos pelo infinito e pense: a JUSTIÇA DE DEUS terá, mas NUNCA FALHA!

O crime cometido foi muito grande. DEUS fará Justiça, não tenham dúvidas!

José de OLIVEIRA FINHO

## Leia a "ORGÂNICA PATRIANOVISTA"

### REPÚBLICA É DESGRAÇA

República no Brasil é coisa impossível porque será verdadeira desgraça... O único sustentáculo do nosso Brasil é a Monarquia: se mal com ela, pior sem ela. — Marechal Deodoro da Fonseca... antes da proclamação!

### PARA OS INIMIGOS DA PETROBRÁS

Não zela pelo seu próprio futuro o país que não zela pelas suas reservas petrolíferas. — Presidente Wilson (Dos Estados-Unidos verdadeiros).

### Centro Patrianovista Tenente Antônio João

O operoso grêmio patrianovista de São José do Rio Preto acaba de publicar mais um utilíssimo boletim. Já é o 4.º Parabéns, e avante!

## DESORDEM REPUBLICANA

— Um Ministro da república briga com um Juiz da república porque este pela lei defende o contabando e prende autoridades alfandegárias da república que se insurgem contra liberação de... moambas da repúblicas! Quem tem razão, compadre?

— A MONARQUIA que porá ordem nessa "melancia"!

"Monarquia" — Este jornal não cobra assinatura. Mas, se cada um que por qualquer via o receber, nos enviar Cr\$ 5,00 em selos, estará ajudando-nos a multiplicar a sua tiragem actual de apenas 5.000 exemplares e, ademais, a melhorá-la.

### CALENDÁRIO PATRIANOVISTA

- 11 de Junho — Dia da Armada Imperial.
- 13 de Junho — Dia da Tradições Nacionais (Santo Antônio).
- 2 de Julho — Dia da Resistência Nacional (Vitória de Pirajá contra os Côns Liberais).
- 20 de Julho — Dia da Força Aérea Imperial (Santos Dumont).

## UTILÍSSIMA INVENÇÃO

Sabem os vrs. que existem no Brasil 37.092 kms. de caminhos de ferro? Pois é isso. Se tivéssemos mantido o ritmo das nossas construções nos atarados tempos imperiais, teríamos hoje mais de 300.000 kms.

Mas não é disso que se trata.

Trata-se daquelas pedações de pau, que dormem debaixo dos trilhos, os tralhos dormentes.

Com aquêle número de estradas, havendo dois dormentes por metro, deviam existir no Brasil 74.184.000. São dormentes pra burro. Pouco menos de 1 para cada brasileiro.

E quase todos as estradas de ferro pertencem ao Poder Público (Calamidade). Cada um daqueles "dorminhocos" custa por aí uns 100 cruzeiros; todos juntos, portanto, Cr\$ 7.418.400.000, mais de SETE milhões de contos dormindo sob os trilhos. Dinheirão, hein!

O pior é que os dormentes não duram muito, não. Dormem tanto que acabam APODECENDO, assim como a república... Assim assim, duram 20 anos, mais ou menos.

É uma tragédia. Selvas que desabam para ir dormir debaixo do aço. O efeito, o Brasil precisa de 3.709.200 dormentes por ano (iguais Quatro Milhões de dormentes, minha gente!). Mato hein.

E quanto custam eles? Quase nada — Cr\$ 370.920.000,00 (iguais SETENTA E UM MIL contos por ano).

Vai daí o conselheiro patrianovista Jerônimo Ricardo de Mattos achou o tudo isso estava errado, pobre e muito caro. Achou que isso devastava as nossas florestas. Achou uma porção de coisas e inventou umas coisas complicadas para quem nada entende do assunto, registrando-as sob o termo n.º 81 e S.M.P., do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, a 5 de dezembro de 1956.

Conheçam directamente a invenção; e louvem o inteligente inventor e dê-lhe calorosos parabéns (e ao Brasil) como o fazemos nós:

### S. E. D. A. I.

#### LEITOS PRÉ-ARMADOS PARA TRILHOS FERROVIÁRIOS

SISTEMA CONJUGADO DE DORMENTE E LONGARINA — LEITOS PRÉ-ARMADOS PARA TRILHOS FERROVIÁRIOS. — FUNDIDOS EM UMA SÓ PEÇA DE CIMENTO ARMADO.

Vantagens sobre outros sistemas:

- 1) — Duração eterna — 2) — Evita a devastação das matas como acontece na extração de dormentes de madeira — 3) — Não se queima com a fagulha despreendida pelo bombardeio da locomotiva — 4) — Não apodrece com a umidade ou ação do tempo — 5) — Não cede sob o peso da composição — 6) — Resistência à tropidação da passagem do comboio — 7) — Custo de fabricação mais inferior do que os demais sistemas — 8) — Perfeito nivelamento nos pequenos trechos — 9) — Transporte mais rápido ao local de assentamento — 10) — Não requer rigoroso aparelhamento do terreno — 11) — Assenta-se sobre qualquer terreno até mesmo brejoso — 12) — Assentamento fixo ou três véztes mais rápido que os dormentes comuns — 13) — Requer menos da metade do pessoal para assentá-lo — 14) — É prático e de provável aplicação no assentamento — 15) — Dispensa o uso de cravos para fixar os trilhos — 16) — Máxima simplicidade para aterroçar as garras de fixação dos dormentes — 17) — Evita irregularidades na bitola — 18) — Amortecimento silencioso de borracha ou madeira dando ao diesel do trem o máximo de segurança e conforto — 19) — Poder fabricados em qualquer lugar, até mesmo junto ao local de assentamento o que não ocorre com os dormentes de madeira que são transportados de longas distâncias e com penosas despesas, e que, no entanto, além de tudo, permanecem inspeção e muda de dormentes apodrecidos.

Não é uma invenção imperial?